

Agatha Christie: os venenos que ela dominava

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 17/02/2026

Agatha Christie aprendeu farmácia trabalhando em hospitais durante a Primeira Guerra Mundial, conhecimento que usou para matar personagens com precisão científica real. Sua própria vida, marcada por um desaparecimento misterioso, revela o peso silencioso da saúde mental.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://escritor.cristianoricardo.com/post/agatha-christie-os-venenos-que-ela-dominava>

Agatha Christie sabia exatamente como um veneno agia no corpo humano, porque passou anos trabalhando como assistente de farmácia em hospitais durante a Primeira Guerra Mundial, primeiro em Torquay, depois ao lado do marido em postos médicos. Aprendeu a manipular digitalina, arsênico, estricnina, morfina, cianeto, e cada um desses venenos aparece em algum de seus romances com uma precisão que farmacêuticos de verdade elogiam até hoje. Não é exagero dizer que ela entendia toxicologia melhor do que muitos médicos formais de sua época, e usou esse conhecimento para escrever mais de sessenta romances policiais, tornando-se a autora de ficção mais vendida da história, atrás apenas da Bíblia e de Shakespeare em número total de exemplares.

Mas há um episódio na vida de Christie que os próprios livros dela jamais explicariam direito. Em dezembro de 1926, ela desapareceu por onze dias. O carro foi encontrado abandonado perto de um penhasco, a polícia mobilizou milhares de voluntários, aviões sobrevoaram a região, e a imprensa especulou se ela teria sido assassinada, se teria fugido, ou se teria planejado tudo como publicidade macabra para os próprios livros. Foi encontrada, por fim, hospedada num hotel sob nome falso, o mesmo sobrenome da amante do marido, que a havia pedido divórcio pouco antes. Christie nunca explicou publicamente o que aconteceu naqueles onze dias. Médicos da época sugeriram um estado de fuga dissociativa, provocado por exaustão extrema, luto pela morte recente da mãe, e o colapso do próprio casamento acontecendo tudo ao mesmo tempo.

Esse silêncio dela sobre o próprio sofrimento contrasta com a precisão cirúrgica que aplicava à dor dos personagens que criava. Escrevia sobre morte com clareza científica, mas escondeu a própria crise mental atrás de uma vida inteira de reserva britânica, recusando-se a comentar o episódio até o fim da vida. Isso lembra, de forma inversa, Marie Curie, que documentava cada detalhe técnico do próprio trabalho com rigor absoluto, mas também guardava para si o sofrimento físico crescente que a radiação causava, continuando a trabalhar como se a dor não estivesse ali. As duas mulheres, cada uma à sua maneira, mostravam ao mundo apenas a competência, e escondiam o custo pessoal dessa competência atrás de portas fechadas.

Há também um paralelo possível com Alexander Fleming, que soube reconhecer, num momento de acaso, algo que ninguém mais teria visto. Christie tinha esse mesmo tipo de olhar clínico, mas aplicado à mente humana em vez de à bactéria. Construía seus mistérios observando psicologia com atenção quase científica, entendendo como as pessoas mentem, como escondem motivos, como o comportamento humano segue padrões identificáveis sob pressão. Não é coincidência que tantos de seus enredos dependam menos da violência do crime em si e mais da leitura precisa de caráter.

Para a saúde mental, o episódio do desaparecimento de Christie carrega um valor que raramente recebe a atenção merecida. Em 1926, o conceito de saúde mental como hoje entendemos praticamente não existia no discurso público, e uma mulher que sumia por onze dias era tratada como escândalo ou mistério de tabloide, nunca como alguém possivelmente em colapso psicológico real, precisando de cuidado e não de julgamento. Quase um século depois, ainda lidamos mal com isso. Colapsos emocionais continuam sendo escondidos, disfarçados, tratados como fraqueza pessoal em vez de sinal de que algo precisa de atenção urgente. A diferença é que hoje já temos linguagem, diagnóstico e tratamento para nomear o que Christie viveu sem nunca poder nomear.

Fica então uma reflexão que atravessa ficção e vida real ao mesmo tempo. Se alguém capaz de descrever com tanta precisão a mente humana nos livros não conseguiu, ou não quis, falar sobre o próprio colapso, quanto ainda escondemos hoje atrás da nossa própria competência aparente, com medo de que admitir a dor pareça fraqueza demais para ser perdoada?